

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA

**Francine Coelho Teixeira**

**Nossa formação: nossos significados  
Teoria X Prática**

612342

TC

371:24

T262n

2007

Porto Alegre

1º. Semestre

2007

**Francine Coelho Teixeira**

**Nossa formação: nossos significados  
Teoria X Prática**

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Pedagogia da Faculdade de Educação  
da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito para a  
obtenção do título de Pedagoga.

Orientador:

Gabriel de Andrade Junqueira Filho

03

Porto Alegre  
1º. Semestre  
2007

À minha família que me proporcionou a oportunidade de estar na Universidade e me dar o carinho, os chazinhos da noite. Ao Rafa e sua família por me deixarem invadir sua casa e me dar apoio e compreensão nesta etapa final e importante. Aos meus amigos, de todos os lugares, que fizeram meus momentos mais felizes e mais leves ao longo de minha trajetória, em especial às minhas Usquinhas (Mariana e Katherine) que tornaram todas as manhãs de aula especiais, únicas e inesquecíveis. Ao Gabriel, meu orientador, que não é a toa que tem nome de anjo. A todos (colegas, alunos, pais) que me acompanharam nesta trajetória e viram eu me tornar uma professora, até este momento da minha iniciante trajetória profissional.

*Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de  
tudo...*

*Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou...*

*Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me  
forma..*

*Fernando Pessoa*

RESUMO: Esse trabalho procura investigar, a partir de entrevistas, os caminhos percorridos por esta pesquisadora e por professores de educação infantil, no processo da construção da sua professoralidade, do ponto de vista das influências do curso de Pedagogia e das orientações de trabalho das instituições de ensino em que eles atuam. A questão que me proponho explorar é em que medida a prática de um professor que já atua na sua profissão é produzida como algo consciente, crítica e intencional de sua parte ou é fruto de uma reprodução inconsciente e/ou forçosamente obediente do professor em relação a seus superiores hierárquicos, nas instituições em que trabalha. A partir de embasamentos teóricos (VILLELA PEREIRA, 1996; FONTANA, 2000 e JUNQUEIRA FILHO, 1994), da trajetória inicial desta pesquisadora como professora e dos dados coletados nas entrevistas, esta pesquisa reforça a necessidade de que os professores reflitam e se apropriem de seus processos de formação profissional para, conseqüentemente, interferirem intencionalmente nos seus jeitos de ser professor, nos diferentes momentos da sua trajetória e formação profissional, quaisquer que sejam as influências e os contextos das instituições em que trabalham.

PALAVRAS-CHAVE: professoralidade; formação de professores; educação infantil; docência; teoria e prática.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 ESTRANHAMENTO (COMO TUDO COMEÇOU...)</b> .....	7
2.1 INQUIETAÇÕES (QUANDO TUDO PAROU...) .....	8
2.2 PROFESSORALIDADE (QUANDO TUDO COMEÇOU NOVAMENTE) ...	10
<b>3 SERÁ QUE É ASSIM MESMO?</b> .....	15
<b>4 BONITEZA DE UM SONHO</b> .....	28
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	33
<b>ANEXOS</b> .....	35

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho fala de mim. Fala de outras pessoas. Fala de nós, professores. Os caminhos se repetem, as histórias se cruzam.

Aqui estará minha história, minha trajetória para aprender a ser professora.

Este trabalho divide-se em três partes, em três blocos que se entrelaçam ao longo da escrita.

No início de minha escrita, trago a questão inicial, a origem da minha inquietação em relação à minha formação, à minha profissão, ao modo como eu vinha me constituindo professora.

Em seguida trago o conceito da Professoralidade de Villela Pereira (1996), o qual uso como referência para meu trabalho e, principalmente para minha melhor compreensão deste processo de formação profissional, do processo de formação de um professor.

Uso, para efeitos de pesquisa do assunto e para ver se eu estava ou não sozinha com essas dúvidas e questionamentos, entrevistas com profissionais que atuam em instituições de educação infantil, formadas ou no final do curso de Pedagogia. Nas entrevistas, que foram conversas, trocas de experiências, surgiram pontos de vista diferentes em relação à nossa profissão, ao nosso trabalho em sala de aula, a nossa formação, convida-nos a reflexão sobre os modos como nos tornamos professoras.

## **2 ESTRANHAMENTO (COMO TUDO COMEÇOU...)**

A questão surgiu nos últimos semestres da faculdade: Que tipo de profissional sou eu?

Tentei fugir da resposta, até mesmo porque não sabia qual era. Acho que este tipo de questionamento é bastante comum quando se está na etapa de conclusão de curso. Mas para mim era uma questão de identidade, de organização da minha identidade profissional e tornou-se uma questão que passou a produzir um estranhamento de mim mesma. Precisava saber se realmente era essa a profissão que deveria (ou gostaria de) seguir, se esses quatro anos na Universidade não foram em vão.

Depois percebi que a questão não era exclusivamente relativa à minha formação acadêmica e, sim, também, em relação à vivência que tive nos períodos de experiência em sala de aula. Na minha prática, como estagiária, tanto no estágio curricular pela Universidade como no meu trabalho de auxiliar de turmas, em diferentes escolas de Educação Infantil, pude verificar e vivenciar diversas maneiras, diversos “jeitos” em relação à forma de diferentes profissionais e instituições de se trabalhar com crianças de zero a seis anos.

Durante o estágio curricular pela Universidade, numa escola pública, junto a uma turma com crianças de 03 anos, no turno da manhã, as professoras eram extremamente sem paciência, pouco afetivas e muitas vezes até agressivas com as crianças e com os pais delas também e, suponho, isso ocorria com o aval de seus superiores, que tinham conhecimento desse tipo de tratamento dos professores em relação às crianças e seus familiares e nada era feito para mudar tais atitudes. Ao longo de meu período por lá, pude perceber que era uma atitude comum naquela instituição, com exceções obviamente. E, nesta forma de encaminhar o trabalho, incluía-se o trabalho pedagógico, que era praticamente inexistente, pois era pouco planejado o que fazer com as crianças; as atividades



realizadas eram repetidas todas as semanas, como por exemplo, o dia do vídeo, que se repetia frequentemente, principalmente em dias de chuva.

Já na escola (particular) em que trabalhei por 03 anos, no turno da tarde, tanto as crianças como seus pais eram muito bem tratados e atendidos, tanto pelas professoras quanto pela Direção e Coordenação Pedagógica. A proposta pedagógica era, a meu ver, excelente (elaborada pela Pedagoga), porém a realização, a execução das atividades (situações de aprendizagem) era mecânica, tanto por parte dos alunos mas, principalmente, pelas professoras, que não participavam da elaboração dos projetos. O trabalho, até onde eu consegui entender, era encarado como uma prestação de contas para os pais, que não deixavam de ser clientes.

Diante dessas duas experiências iniciais, me perguntava, atrapalhada: haveria, portanto, uma identidade padrão a ser alcançada como professora? Haveria um único e melhor “jeito” de ser professora e professor, de ser escola de educação infantil? Ao longo desta pesquisa fui descobrindo que não, por que não, e que isso podia ser muito bom. Descobri outros jeitos de encaminhar minhas questões sobre minha identidade profissional; descobri o conceito de professoralidade e as possibilidades de ir me aprendendo nos meus processos de ir-me tornando professora, fosse ao longo do curso de Pedagogia, fosse nas escolas em que trabalhei e estagiei, fosse no que vou fazer com essa trajetória até agora em relação aos jeitos pelos quais vou continuar me fazendo professora.

## 2.1 INQUIETAÇÕES (QUANDO TUDO PAROU...)

Trabalhei na escola (particular) a que me referi anteriormente durante, praticamente, toda minha formação acadêmica, exercendo múltiplas funções –

como auxiliar de turma, auxiliar volante, recepcionista, atendente – e me considero uma “cria” desta instituição, apesar de estar ciente de alguns equívocos cometidos pela escola e me questionar em relação ao trabalho proposto e desenvolvido por aquela instituição. Por isso, reconheço em mim alguns vícios como professora, alguns jeitos meus de exercer a minha profissão que considero foram construídos durante meu período que trabalhei por lá. “Que tipo de professora sou, afinal?”, me pergunto, estranhando, quase que apavorada, a dimensão e a minha falta de clareza para responder essa pergunta, às vésperas de concluir um curso universitário que vai me outorgar o diploma e, portanto, a autorização para eu exercer o meu trabalho como professora.

Com a idéia de que o professor se forma, se produz a partir de suas práticas, de seus estudos teóricos, de suas trocas de experiências com seus educandos e colegas de profissão, cheguei a algumas questões: de que forma nos formamos? Como nos tornamos professores? Como me tornei professora nesse período de graduação e trabalho em diferentes instituições escolares, que passei a analisar com mais atenção e profundidade? Que tipo de professora eu sou? Que tipo de professora me tornei até este momento de minha inicial trajetória profissional?

Lendo, refletindo, pesquisando, procurando idéias de autores desconhecidos para mim, textos sobre minhas inquietações, encontrei um livro que fala de mim, e quem sabe, de nós (professores/as), de vários/as de nós. Diz a autora:

Como professora entre professoras, vi nascerem em mim a inquietação e o desejo de estudar, de perto, os processos pelos quais tem-se constituído, em nós, nosso ‘ser profissional’, na rede móvel e multifacetada de relações sociais (que são relações de poder) por nós vividas.

Qual o significado e como se tem elaborado em nós a personagem (função social) professora, produzida na trama das multideterminações do processo histórico-cultural, constituindo-a como prática e modo de ser do indivíduo (como nossa subjetividade)?

Dentre os significados de que nossa profissão se reveste no imaginário social, quais deles (e como?) objetivam-se, permanecem e mudam em nós? Que condições sociais de produção, que tradições e contradições têm mediado sua elaboração, sua permanência e mudança em nós?

FONTANA (2000, p. 16)

Nesta obra, Fontana (2000) traz sua trajetória, o caminho percorrido por ela para se tornar professora, fala dela, fala da sua visão em relação ao seu próprio processo de formação como professora.

Meu trabalho fala de mim. E pretende falar do professor, dos professores, de seus processos de formação, de suas aventuras e “desventuras” na constituição de sua professoralidade.

Neste trabalho, há momentos de fala, de escuta e de reflexão da minha formação e da formação de outros profissionais da área da educação infantil, que fui buscar ao longo do meu percurso profissional e, agora, a partir de entrevistas, nesta pesquisa.

No começo, pensar sobre tudo isso, é estranho, muito estranho e, até mesmo, assustador. No entanto, ao longo dessa reflexão, algumas coisas – algumas – começam a se tornar familiares. Algumas coisas vão desvelando-se diante de meus olhos... Como traz Villela Pereira (1996): “Pensar, portanto, o processo de formação do professor passa, a meu ver, pelo processo de produção de si, do sujeito. É esse resgate que quero”.

## 2.2 PROFESSORALIDADE (QUANDO TUDO COMEÇOU NOVAMENTE...)

Professoralidade. Neste momento, para mim, o termo mais apropriado para a definição dos caminhos que, nós, futuros profissionais, percorreremos durante nossa formação como professores. Uma palavra para explicar, definir

como nos tornamos professores. Um termo apropriado. Mais do que isso, um termo próprio, cunhado por Villela Pereira (1996).

Meu primeiro encontro com a expressão professoralidade foi no quinto semestre da faculdade, durante as aulas do professor Gabriel de Andrade Junqueira Filho, na leitura de seus textos. Em seus livros e suas aulas, empregava-a (e continua usando) constantemente e para mim era coisa totalmente nova, a qual nunca havia escutado alguém dizer. Quando conheci tal termo e sua definição, deu aquele “click” sobre tudo aquilo que ouvia sobre nós professores e sobre o que estávamos fazendo na Universidade. Uma, única, palavra conseguia definir tudo que enfrentamos para nos fazer, nos constituir professores. E diante disso, pude compreender a complexidade de tal processo e ficar aliviada, pois já não me sentia tão perdida assim.

Ao longo de minhas leituras e das aulas apareceram definições de professoralidade de diferentes autores, porém todos com o mesmo recorte: a produção da professoralidade do professor, o caminho percorrido para tornar-se professor, ou, segundo Junqueira Filho (1994) os “[...] processos pelos quais alguém se torna professor.”

O conceito de professoralidade foi elaborado por Marcos Villela Pereira, que, em sua tese de Doutorado, *A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor*, pela PUC/SP (1996), nos traz, através de sua trajetória e reflexão sobre o processo de formação de professores, a explicação de tal termo e seus desdobramentos. Segundo Villela Pereira (1996, p.35), a professoralidade:

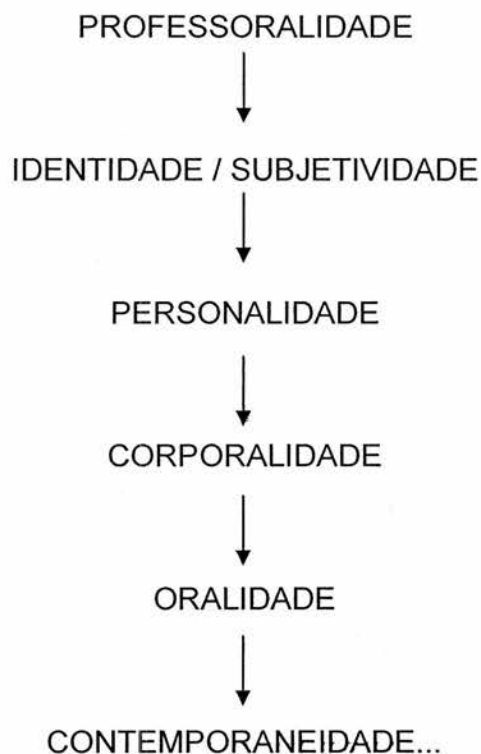
*Não é uma identidade que um sujeito constrói ou assume ou incorpora mas, de outro modo é uma diferença que o sujeito produz em si. Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo... é uma diferença produzida no sujeito. Marca produzida no sujeito. Escolha construída no sujeito [...]*

Estas definições me ajudaram, e muito, a mostrar a dimensão que nossa formação toma em nossas vidas. A formação docente, assim como qualquer

outra, toma proporções e ocupa espaços em nossa vida, fazendo com que tenhamos, muitas vezes, exclusiva dedicação a esta etapa, e, por isso, faz parte da nossa formação como pessoa. Como nos traz Villela Pereira (1996, p.51):

*[...] a formação do professor resulta não apenas de um treinamento específico, numa instância acadêmica... a idéia de que a pessoalidade e a professoralidade do professor andam juntas, isto é, ser professor é uma alternativa, uma saída que o sujeito constrói a fim de realizar um projeto emergente em sua subjetividade. [...]*

Prestando atenção na palavra professoralidade, comecei a fazer relações a partir de sua terminologia. Pensando daqui e dali, arriscava, dizendo pra mim mesma que nela havia diversas ramificações com outras palavras que nos dizem respeito enquanto seres humanos:



Professoralidade, o caminho que percorremos ao longo de nossa formação, traz nossa identidade que entrelaça com a subjeividade, no sentido de mostrar a maneira que vamos nos formando, nossa maneira de ser no mundo, junto com a nossa personalidade, nosso modo de ver as coisas, de percebê-las, que influencia na nossa corporalidade e oralidade enquanto futuros professores e que mostra nossa contemporaneidade, mostra de onde somos e/ou de onde viemos (de quais instituições de ensino superior, por exemplo). Nossa!!!

Sabemos também que as trajetórias pessoais e profissionais são fatores importantes, definidores dos modos de como esse professor vai atuar, revelando as suas concepções sobre o fazer pedagógico. Cada sujeito tem sua história de vida, sua individualidade. E, ao longo de sua trajetória docente, o professor vai se formando e se transformando.

Mas, será que todos esses fatores, todas essas nossas partes, conseguem escapar das influências das instituições em que trabalhamos? Será que conseguimos perceber as influências do meio (acadêmico, profissional) e combatê-las? Será que permanecemos imunes às influências de nossa trajetória? Será que precisamos ficar imunes a tudo isso para nos formarmos? Será que é possível ficar imunes a tudo isso para nos constituirmos professores?

Quando comecei a refletir sobre a minha professoralidade, sobre o meu modo de me fazer professora, pude ver que, em termos de conhecimentos, saberes da profissão, o “saber-fazer” aprendido na Universidade, eu estava bem preparada para entrar em uma sala de aula e assumir uma turma. A minha permanência nas instituições de educação infantil também me auxiliara muito no sentido de ver as diversas maneiras de se trabalhar com as crianças utilizando os recursos e os espaços disponíveis. Porém, a formação do professor, a sua professoralidade é um processo muito maior, muito mais intenso e complexo. A professoralidade, a meu ver, vai além do domínio dos conhecimentos, dos saberes, das técnicas a serem aplicadas no ambiente de trabalho. A

professoralidade traz também a reflexão, a sensibilidade do professor como pessoa e como profissional em termos de atitudes e valores assumidos perante o seu trabalho. A reflexão deve fazer parte do processo de ensinar, de aprender, de formar-se e, conseqüentemente, de se desenvolver profissionalmente, auxiliando a observação de sua atuação como professor. Segundo Villela Pereira (1996, p.63):

*[...]o processo de formação de qualquer profissional deve passar, necessariamente, pela apropriação crítica de sua história de vida. Sua intenção, com isso, é que o indivíduo torne-se ator de seu processo de formação, através da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida[...]*

O professor consciente do seu trabalho, consciente de seus “modos” de fazer, da sua prática, torna-se, a meu ver, um profissional apto a trabalhar em qualquer instituição, pois terá claro como realizar seu trabalho de forma clara e determinada, adaptando-se ao modo de trabalhar da escola, sem deixar de lado aquilo que acredita.

Cada profissional adota uma maneira de trabalhar e, com responsabilidade, determinação e humildade, deve mostrar seu trabalho, para quem sabe, engrandecer o trabalho instituição em que trabalha.

### 3 SERÁ QUE É ASSIM MESMO?

As inquietações eram muitas! E ficava me perguntando se era só comigo. Será que só eu pensava assim? Será que só eu passava por isso?

Para tentar compartilhar experiências, pesquisar e, talvez, encontrar outras visões sobre a questão da nossa formação como professor, fui conversar com outros profissionais da área e ouvir suas histórias de formação.

Ouvir, conversar, contar, falar, “trocar figurinhas”, trocar impressões sobre as trajetórias que cada um percorreu para tornar-se professor.

Cada pessoa, uma história.

Cada história, um mundo, uma vida.

Como nos diz Soares (1991, p.10): “A biografia pode se tornar História.”

Nas “biografias profissionais” das seis professoras que entrevistei, apareceram histórias, relatos e constatações que, ao longo do caminho de cada uma delas como professoras, até a realização da entrevista, ainda não se tinham dado conta.

Minhas entrevistadas foram professoras de educação infantil, formandas ou formadas em Pedagogia, em diferentes Universidades, e atuando em diferentes instituições. Quero dizer que também me entrevistei, pois senti necessidade de responder o questionário de entrevista que havia elaborado para conversar com as professoras.

O meu objetivo, a partir das entrevistas, era saber como foi o processo delas de formação como professoras e em que medida as práticas das instituições em que atuam (ou atuaram) influenciam ou influenciaram no seu trabalho em sala de aula junto às crianças.

Quando estava formulando as questões para a entrevista, muitas questões surgiram em relação a minha própria formação, ao meu próprio jeito de “ser professora”. Pude perceber que eu mesma nunca havia me perguntado e refletido sobre essas questões; percebi que ainda estava confusa em relação ao



meu trabalho como professora. Então, resolvi, fazer uma entrevista comigo mesma, responder as mesmas questões as quais propus as minhas colegas de profissão.

As questões tratam especificamente da formação profissional, acadêmica e prática de professoras que atuam na educação infantil. Dei a preferência por educação infantil, por se tratar da área em que trabalhei muito tempo e também minha ênfase inicial na formação acadêmica, mas também por avaliar que, nestas instituições de ensino, principalmente as particulares, influenciam muito na maneira de trabalhar de seus professores, por se tratarem, muitas vezes, de instituições de pequeno porte, com sua coordenação pedagógica bastante ativa e centralizadora, no sentido de propor, controlar e avaliar o trabalho pedagógico de seus profissionais, tendo como fio condutor da organização do trabalho o atendimento das exigências dos pais de seus alunos.

Bom, vamos as questões:

- 1) Porque escolheste ser professor ou o curso de Pedagogia? O que te motivou a ser professor?
- 2) O que significa ser professor para ti?
- 3) Para ti, qual a função do professor nos dias de hoje?
- 4) Descreva-te como professor.
- 5) O que tu consideras importante na formação dos profissionais de educação?
- 6) Uma vez em sala de aula, trabalhando como professor, tu acreditas que produzimos a prática (que colocamos em prática) ou somos produzidos por ela?
- 7) Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como tu conduzes o teu trabalho?
- 8) Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como a instituição em que atuas organiza o trabalho pedagógico?

Em caso afirmativo, tu consegues conviver com eles e/ou combatê-los?

- 9) Tu consegues articular tua prática com os ensinamentos teóricos da tua formação acadêmica no curso de Pedagogia?
- 10) Quais instrumentos (teóricos e práticos) foram importantes na tua formação?
- 11) Como foi, para ti, participar desta entrevista?

Ao todo, foram sete entrevistas, incluindo a minha, que foram feitas por e-mail ou ao vivo.

A entrevista é uma maneira interessante de se pesquisar um assunto que envolve a formação, a vida das pessoas. Nas entrevistas, principalmente ao vivo, olhando para a pessoa, as respostas se tornam mais verdadeiras, mais claras e bonitas quando se vê o brilho no olhar de uma pessoa que está abrindo sua vida, muitas vezes pela primeira vez, e percebendo o quanto sua trajetória profissional foi importante para a sua formação pessoal também.

Essas entrevistas foram, para mim, uma troca de experiências entre professoras, colegas de profissão, formadas ou em formação, que enxergam a educação como fundamental na vida do ser humano.

A pergunta inicial trata da história de vida, da história da formação de cada uma, sobre o porquê se tornaram professoras. É bastante interessante perceber que, em sua maioria, a escolha se deu pelo gosto por crianças e por influência da família, por ter algum familiar trabalhando em escola. O gosto por crianças é importante para a profissão de professor, sem dúvida. Mas não é o que determina para se fazer um bom trabalho com crianças. Conhecemos muitas pessoas que gostam de crianças, mas não entendem a complexidade do que é ser criança e, muitas vezes, não conseguem estar junto a elas, cuidá-las e educá-las.

As perguntas e as respostas que seguem são sobre a profissão professor: qual o significado e função da nossa profissão nos dias de hoje.

Sabemos que a educação é fundamental na vida do ser humano, pois sem ela, a vida se torna mais difícil, mais competitiva e mais dura.

Hoje, ser professor significa mais do que ensinar e transmitir conhecimentos. A seguir apresentarei as respostas de algumas de minhas entrevistadas para ilustrar e enriquecer o trabalho (os nomes das professoras serão preservados e as identificarei sempre por uma letra maiúscula acompanhada de um asterisco, dentro de parênteses):

*“Ser professor é dedicar seu tempo a levar o aluno a pensar e desenvolver o raciocínio e a criatividade, pontos que o levarão a ser um profissional de qualidade e de formação, a mais completa possível.” (J\*)*

*“Pra mim, ser professor é ser responsável pela formação de pessoas como pessoas, como seres humanos, como cidadãos, como filhos, como futuros trabalhadores.” (I\*)*

*“Ser professor é ter algo a dizer, a passar algo para outras pessoas (no caso, seus alunos) e ajudá-los a refletir, a pensar sobre o mundo, sobre o meio em que vivem” (V\*)*

Para mim, o significado do trabalho de professor hoje, é bastante amplo, engloba múltiplas funções, múltiplas visões, mas principalmente, o professor deve ser consciente do seu papel na vida de seus alunos. Como nos traz Gadotti (2003, p.17):

*Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com **consciência** e **sensibilidade**. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são verdadeiros, ‘amantes da sabedoria’, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles*

*fazem fluir o saber – não o dado, a informação, o puro conhecimento – porque constroem **sentido para a vida** das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. [grifo do autor]*

O significado é grande. A importância é maior ainda. E as funções? Hoje, sabemos que os professores acumulam diversas funções nas instituições que trabalham. Esta é também a opinião de (J\*), quando nos diz que:

*“Hoje são várias as funções do professor. Além de tentar ensinar, pois parece que muitos não querem aprender. O papel do professor é ser babá, pois cuidamos dos filhos para muitos pais trabalharem; somos juizes de luta livre; somos humoristas, pois às vezes falamos e representamos; somos psicólogos e só por último somos professores”.*

---

Nas entrevistas, as professoras trouxeram que o professor deve ser referência para seus alunos, auxiliando-os a conhecer tudo que o mundo nos disponibiliza e filtrar o que há de bom para suas vidas. O professor deve proporcionar momentos de reflexão sobre a vida apontando os caminhos que mais tarde poderão ser escolhidos por seus alunos, sempre respeitando o contexto de cada um.

O mundo está tão mudado. A vida cada vez mais cara e difícil. Se pudéssemos, colocaríamos a disposição de nossos alunos, um mundo mais fácil e bonito. Eles (alunos) precisam de uma referência, muitas vezes negada por sua família, a primeira instituição de que fazem parte. As famílias estão desestruturadas e cabe a nós professores contribuirmos para reconstruí-las, por meio de nosso trabalho junto aos nossos alunos.

Sendo o professor tão importante, precisamos saber como esse professor está se formando. O que é importante na formação de um profissional de educação? Essa foi a questão que se seguiu no questionário.

Em sua maioria, as entrevistadas trouxeram a importância da organização, da responsabilidade e consciência de seu papel como professoras na vida de seus alunos, procurando e realizando formação continuada, atualização dos conhecimentos do professor, idéias novas, buscando e elaborando novas propostas de ensino. A fala de (L\*) sintetiza e representa a fala da maioria das entrevistadas:

*“Responsabilidade e consciência do seu papel na vida de seus alunos. O trabalho de professor é importantíssimo! Interfere muito na vida dos alunos, de suas famílias etc. Outro aspecto importante é a renovação, a reciclagem, a atualização dos professores em relação à teorias, técnicas, métodos de ensino para dar um “plus” no seu trabalho”.*

Sabemos que a qualificação profissional conta muito, mas temos que nos dar conta de que o nosso papel, a nossa função influencia na vida de nossos alunos. Temos que nos preocupar com formação mas também estarmos cientes da responsabilidade que temos. É o que nos diz Arroyo (2000, p.34), com o qual concordo imensamente:

*[...]há uma preocupação por qualificar-se, por dominar saberes, métodos, por adequar sua função social aos novos tempos, novos conhecimentos e novas tecnologias. Porém não é por aí que se esgotam as inquietações. Há algo mais de fundo em questão: o próprio sentido social de suas vidas, de seus esforços, de sua condição de mestres. Entender o papel que exercem, o peso social e cultural que carregam. Sua condição. Seu ofício. Seu ser professor, professora.*

O questionário vai seguindo e chega em uma questão que é um dos nortes da questão principal deste trabalho: a prática em sala de aula.

Quando me propus a falar deste tema, foi por me sentir insegura quanto a minha prática, quanto ao meu trabalho em sala de aula, por considerar que eu apenas reproduzia o que eu havia aprendido nas escolas que trabalhei. Que por

mais que refletisse sobre isso, enxergasse os efeitos negativos que surgiam em mim, não conseguia me desfazer deles, estava viciada.

A questão é: uma vez em sala de aula, produzimos a prática ou somos produzidos por ela?

Penso que o nosso trabalho como professoras é baseado em duas partes: a primeira, nossa formação teórica, acadêmica, tudo que aprendemos na Universidade, em cursos, palestras, artigos, livros etc, e a segunda são as experiências práticas que temos em sala de aula, junto aos alunos, nas diferentes instituições nas quais trabalhamos. Quanto de cada parte nos influencia, não sabemos. Aliás, só nós sabemos o quanto de teoria ou prática somos. Mas, a meu ver, e por experiência própria, somos muito mais prática do que teoria.

Nas respostas às entrevistas, pude perceber que esta é uma questão bastante complexa, pois encontrei pontos de vista bem diferentes. (L\*), por exemplo, diz que:

*“Todos nós temos uma teoria, um conceito, um método que consideramos importante, legal e verdadeiro para se trabalhar e adotamos. Mas, quando chegamos em algumas instituições, temos que trabalhar de acordo com o que a coordenação nos orienta e, que muitas vezes, não é a maneira mais legal. Nessas instituições, ou tu te adequa ao modo de trabalhar ou eles acham outro profissional com o perfil adequado, que se encaixe nas normas de funcionamento daquela escola. Então, eu acho que somos produzidos pela prática das escolas, apesar de achar isso uma pena”.*

(V\*), por sua vez, acredita em troca e conciliação, e vai explicando:

*“É uma troca... durante nossa formação acadêmica, aprendemos muito e adotamos métodos, teorias como caminhos para nossa prática. Porém, quando chegamos em determinadas instituições, temos que nos adequar às práticas vigentes naquela instituição, que não deixa de ser um aprendizado também. Então, devemos conciliar a*

*prática daquela escola com a que gente acredita ser importante e interessante para nossos alunos”.*

(M\*) e (K\*) concordam e dizem que:

*“É uma via de mão dupla. Ocorre simultaneamente. Enquanto coloco em prática aquilo que planejei, modifico a minha maneira de pensar, reflito se esta atividade serviu para aquele momento ou não...”*

*“Os dois. Acredito que o meio também nos modifica, assim como tentamos introduzir nossos conhecimentos nele”.*

(J\*), no entanto, acredita que nós somos responsáveis por nossa prática:

*“Acredito que produzimos a prática. O professor deve procurar encontrar um método de ensino e as melhores formas de organizar o processo ensino-aprendizagem, produzindo assim a prática”.*

Como podemos ver, as opiniões se diversificam conforme a experiência de cada uma das professoras entrevistadas, indicando que a prática de cada uma como professora vai se constituindo dentro de um contexto maior, que inclui: a escola onde trabalhamos, o nível social tanto dos alunos como dos professores, se a escola é pública ou privada, qual o público que a escola atende, o tipo de formação dos profissionais daquela instituição, a maneira como este profissional encara seu trabalho, como é instruído por seus superiores, como aprende em seus cursos de formação etc.

Entendo que a proposta pedagógica de uma escola é para ser seguida por seus profissionais. Cientes disso, a equipe diretiva e coordenadora da escola busca profissionais que melhor se integrem e se encaixem nesta proposta de ensino. Muitas vezes, os professores conseguem adaptar seu trabalho, dar

disso, é quando o planejamento das atividades pedagógicas e/ou das situações de aprendizagem, se dá através do trabalho individual da pedagoga responsável, sem a participação dos professores. Isso torna os professores apenas máquinas de execução do trabalho, deixando de lado, a capacidade criativa destes profissionais, que acabam ficando desmotivados e sem prazer no trabalho. Quando se há motivação, autonomia, troca, diálogo, o professor aprimora seu trabalho, buscando meios, novas propostas e trazendo novidades para o ambiente daquela escola, como também coerência, articulação teoria/prática, rigor, produção de parcerias.

Nas entrevistas, pude ver que as escolas possuem vícios e, que cabe a nós, professores, nos libertar, tomando distância, criticando, dialogando e propondo com a própria prática novos jeitos de fazer o que era proposto, disponibilizando-nos a conversar, explicar como e porquê estamos fazendo deste jeito e não de outro. Chamar pra junto para conseguir mudar em parceria e não no afrontamento e/ou no isolamento para realizar um bom trabalho. O que, geralmente, não ocorre. Como podemos ver nestas falas das professoras abaixo:

*“Existem formas que a escola sugere de como fazer o planejamento e a coordenação pedagógica nos sugere também o que devemos “dar” como conteúdo. Muitas vezes não sou a favor das sugestões, mas tenho que seguir as normas da escola. Ou me torno parte do modelo que eles querem, ou eles procurarão um profissional com o padrão da escola”. (K\*)*

*“Toda instituição segue uma linha de trabalho. Não sei se isso pode ser um vício.. mas a escola tem algumas condutas em relação ao planejamento, como por exemplo: quem elabora os projetos de trabalho são as pedagogas, que repassam para professoras, e, assim elas repassam aos alunos. Acredito que este processo de elaboração dos projetos deve ser em conjunto: nós, professoras, percebemos, analisamos e*



*identificamos os assuntos de interesse dos alunos, o que eles nos trazem de questionamentos, para repassarmos a coordenação e juntos, elaborarmos o projeto a ser trabalhado com as crianças. No caso da minha escola, isso não é feito e, apesar de sempre tentarmos junto às crianças saber o que nos interessa, temos que nos adequar com o projeto que está em andamento. É o mal das escolas particulares, infelizmente".*  
(V\*)

A questão é: como nós, professores (formados ou recém formados), podemos trabalhar nestas instituições, sem nos "contaminarmos" com estes vícios? Ou melhor, a questão é como dialogar com os profissionais que estão numa posição hierarquicamente superior à nossa, na estrutura de trabalho, de modo a conhecer os argumentos deles em relação ao encaminhamento do trabalho que planejaram, nos apresentaram e nos orientaram que fosse implementados por nós. Gostaríamos, e precisamos aprender, em contrapartida, a apresentar aos nossos superiores hierárquicos os nossos argumentos, a partir da nossa formação universitária, da nossa prática em outras instituições, de modo que estes profissionais hierarquicamente superiores possam ir conhecendo nossas bases teóricas, nossas idéias sobre práticas, de modo a estabelecermos parcerias e, conseqüentemente, revermos algumas coisas em relação ao que vinha sendo encaminhado, com o objetivo de aprimorarmos a proposta de trabalho da escola, etc, etc, etc. São tantas informações, tantas maneiras de se trabalhar, tantas pessoas que nos orientam, teorias que são nossos aportes que, junto com Arroyo (2000, p.141):

*[...] Me pergunto que profissional, que pessoa, que subjetividade e identidade vai se constituindo nessa ditadura de objetos regulados, de pessoas tratadas como objetos reguláveis. O perigo é que essas formas de ver o tempo escolar, os educadores e educandos os leve a internalizar uma imagem em que se confundem com meros objetos reguláveis, que se apaguem as virtualidades de criação, petrificando sua auto-imagem, sua subjetividade.*

A realidade nos mostra que as instituições de ensino (principalmente as particulares) regulam, controlam, fiscalizam – ativa, unilateral e diretamente – a maneira de ser professor de seus profissionais, o que não é de todo ruim, pois a direção e coordenação estão ali exatamente para isso. Mas, não dar autonomia aos seus profissionais, não pedir sequer um parecer, uma opinião sobre aquele projeto de trabalho elaborado pela equipe diretiva e de coordenação, sobre um livro a ser utilizado, por exemplo, enfim, é tirar toda a voz do professor. Porém, ainda desmotivados, os professores tentam e, muitas vezes, conseguem articular o que aprenderam nos bancos universitários com a prática de sua sala de aula.

Ao perguntar às professoras entrevistadas sobre a articulação de seus saberes (teóricos e práticos), elas revelaram que, apesar de terem que seguir a proposta da escola, conseguem acrescentar elementos seus ao planejamento:

*Sim, mesmo com alguns conflitos com a escola, sempre conseguimos colocar em prática os conhecimentos da faculdade, porém isto não é nada fácil, visto que cada instituição limita o professor a prática estabelecida na escola. (K\*)*

*Apesar de seguirmos os projetos da escola, sempre consigo incrementar, acrescentar algo diferente e que considero legal e importante para nosso trabalho. Acho que esse é um mérito de um bom professor. (V\*)*

Considero esta uma conquista e um mérito destas profissionais! Apesar de saber que continuam no mesmo lugar, tendo um papel passivo e de obediência em relação aos seus superiores, estas professoras encontram formas de propor algo além daquilo que não foi criado por elas. Diante da ausência de diálogo sobre o que acreditam em seu trabalho, cada uma encontra o seu jeito de deixar suas crenças aparecerem em suas práticas. Afirmam elas que, raramente, o diálogo ocorre e que, nas raras oportunidades em que ele se dá, em geral, o medo está sempre rondando, no temor de serem repreendidas e punidas, até com a demissão.

Quando elaboramos um trabalho em que conseguimos fazer relações entre a teoria e a prática, entre o que aprendemos e julgamos importante na Universidade com o que sabemos do trabalho prático em sala de aula, este trabalho se torna prazeroso e válido tanto para os professores como para seus alunos.

A experiência de entrevistar estas professoras foi significativa demais para as minhas inquietações. Pude perceber que não eram só minhas aquelas questões, que eu não estava sozinha nas minhas dúvidas, que éramos companheiras de percurso, que a nossa história tinha sido e vinha sendo a mesma, sentimento que Soares (1991) ilustra tão bem quando diz que é: *"[...]Como se cada uma de nós fosse bordando a sua vida, mas, sob diferentes bordados, o risco fosse sempre o mesmo[...]"* ( p.15)

Quem sabe mudanças possam ocorrer? Quem sabe professores se dêem conta do significado do seu trabalho, e, principalmente de sua formação para o exercício de sua profissão e que seus superiores consigam ver o quão extraordinário seria um trabalho conjunto para atender nossos queridos alunos?

#### 4 BONITEZA DE UM SONHO...

Como alguém se torna professor? O que é ser professor? Que tipo de sujeito se torna professor? Essas são as questões que deram origem a questão central desde trabalho, qual seja, em que medida a formação acadêmica e a prática de algumas instituições interferem na formação do professor?

No decorrer da pesquisa e das reflexões produzidas e provocadas pela pesquisa conclui que, sinceramente, não consigo perceber ou lembrar o momento exato que decidi ou simplesmente me tornei professora. Quando o sujeito Francine virou a professora Francine.

Villela Pereira (1996, p.15) diz que...

*[...]sujeito é um indivíduo que se escolhe e, ao se escolher, escolhe o risco de viver, o risco de vir a ser o que ainda não é, o risco de criar a si mesmo, sem ficar aderido a recortes instantâneos de uma trajetória existencial.*

A escolha de uma profissão é crucial para o ser humano, pois, assumimos muitos riscos e, geralmente, é isso que iremos fazer pelo resto de nossas vidas. E na profissão de professor não é diferente, segundo Villela Pereira (1996, p.10), com quem concordo:

*[...]chamo professor o sujeito que se produz numa prática de ensinar, de trabalhar na formação de outros sujeitos, numa prática de educar... é alguém que escolhe esse caminho como via de percurso no mundo.*

A profissão de professor, apesar de pouco valorizada pelos nossos governantes e, de um modo geral, por toda a sociedade, é, do meu ponto de

vista, o ofício mais louvável, íntegro de valores e que mostra a paixão do profissional durante seu trabalho.

Como nós, apesar de todos os problemas da profissão, continuamos a trabalhar, a lutar por nossos alunos, pela causa da educação e por nossos direitos?

Moacir Gadotti (2003), traz em sua obra *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*, a beleza da profissão, da nossa função na vida das pessoas e a diferença que fazemos na vida de nossos alunos, independente de idade, classe social etc.

Segundo Gadotti (2003, p.5), ser professor é um “*tratado de sonhos e sentidos na perpetuação da boniteza do ensinar-aprender*” com o objetivo de “*publicizar, mais uma vez, o compromisso com a formação permanente de professores que sejam capazes de amar, de sonhar, de ensinar e de transformar*”.

O termo boniteza vem de Paulo Freire (1997), em sua *Pedagogia da autonomia*, quando fala da “*boniteza de ser gente, da boniteza de ser professor: ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria*” (p.11). Freire chama a atenção para o componente essencial de beleza da formação do professor-educador.

Ao lutarmos por nossa profissão demonstramos que acreditamos na boniteza desse sonho, desse desejo de estar em sala de aula e fazer a diferença.

O professor deve buscar o sentido da sua vida tanto como pessoa quanto como profissional. Nessa busca de sentido, conseguimos olhar para trás e ver o que foi importante na nossa formação, ver como nos tornamos professores até este momento. Cada parte constituinte de nossa formação, cada fase encarada, cada obstáculo ultrapassado, diz muito de nós, nos deixam marcas e nós deixamos nossas marcas e, temos que pensar que, ao trabalharmos em determinadas instituições, a nossa essência, a nossa idéia de trabalho pode ser

influenciada pelas práticas desses lugares. Cabe a nós administrarmos essa relação sem prejudicar o nosso trabalho.

Eu sou uma professora em formação, com vários aspectos a serem formados ou transformados e, por isso minha preocupação. E por isso as palavras de Villela Pereira (1996) fazerem tanto sentido para mim:

*[...] formar-se não é constituir-se um bloco e permanecer ad aeternum, não é incorporar princípios cristalizadores de uma identidade (pessoal e/ou profissional) e fazer-se monólito. Tampouco é fazer-se instrumento de prática de modas metodológicas que as escolas e o mercado editorial costumam despejar, fetichizadas e prontas para usar. Formar-se não consiste em submeter-se a um paradigma e a uma visão de mundo que regula e engessa, para sempre, os movimentos de si. Formar-se é saber-se em formação. Formar-se não consiste em aprender a desfazer-se e refazer-se radicalmente, perdendo os pedaços e morrendo a cada vez, descendo o céu e inferno de si, enfrentando o risco de tornar-se diferente, novo. Formar-se é aprender o caminho da desfiguração em resposta ao apelo de si para, a seguir, constituir-se numa nova figura. ( p. 136)*

Minha preocupação, portanto, no sentido de não nos deixarmos influenciar por essas práticas, é valorizar nossa formação e o nosso trabalho que, muitas vezes, é deturpado e desprezado por nossos superiores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer este trabalho, em meio à bibliografia consultada e, principalmente, durante as entrevistas, as respostas às questões iniciais da pesquisa foram se desvelando diante de meus olhos.

Entendi, ao final de tantas reflexões, que a maneira como nos tornamos professores se dá por muitas vias, e o nosso período na Universidade, os aprendizados presentes nas aulas, os professores e seus aportes teóricos, a realização do estágio, as trocas de experiências com nossos colegas é uma delas. Dá-se também por meio da nossa experiência prática de trabalho em sala de aula – junto aos alunos e seus familiares, junto aos nossos colegas professores e nossos colegas superiores hierárquicos (direção, coordenação pedagógica), nas instituições em que trabalhamos. Aprendendo, ensinando, percebendo, tomando nota, registrando a rotina em sala de aula, avaliando o trabalho realizado com as crianças, participando de reunião entre professores e equipe de coordenação pedagógica, reuniões de pais, trato diário com os pais, trocando experiências com colegas etc.

Mas este trabalho de pesquisa me mostrou que o mais importante na nossa formação é a reflexão sobre o nosso trabalho. Refletindo, analisando, avaliando a nossa trajetória, conseguimos compreender de forma mais clara, aberta e bonita os nossos jeitos de trabalhar.

Ao final das entrevistas, perguntei às professoras qual o sentimento delas ao responder tais questões. Foi bastante emocionante perceber que, ao refletirem para responder essas questões, as professoras começaram a se dar conta que seus processos de formação, que as maneiras como elas foram produzindo suas professoralidades, influenciaram os jeitos como elas trabalham hoje. Perceberam e acharam bastante revelador buscar na origem, no começo de suas trajetórias de formação, as qualidades, os defeitos, os méritos do seu

trabalho. A reflexão tem essa função: enxergarmo-nos, a fim de percebermos o tipo de pessoa que nos tornamos, o tipo de profissional que nos tornamos, o que auxilia no entendimento da nossa profissão e do nosso papel na vida das pessoas.

Vou concluindo minhas reflexões acreditando cada vez mais que as instituições educacionais, de qualquer nível social, deveriam proporcionar momentos de reflexão entre todos seus profissionais (equipes de segurança, manutenção, limpeza, cozinha, secretaria, professores, coordenação pedagógica, direção...) como uma forma de olhar-se e conseqüentemente olhar o trabalho do outro como uma possível saída a um trabalho, muitas vezes, maçante e mecânico. Dar voz e luz aos questionamentos de seus profissionais, mostrando que apostam no seu trabalho e o consideram importante e válido.

Quem sabe, este trabalho de conclusão para o curso de Pedagogia possa contribuir para que comecemos a refletir e considerar nossa formação indispensável e fundamental para dialogar com as instituições em que trabalhamos (e vamos trabalhar) mas, principalmente, para nós mesmos, como pessoas cheias de sonhos, desejos, angústias, alegrias e buscadoras de novas idéias e propostas de trabalho em sala de aula e nas relações com os pais dos nossos alunos e nossos colegas de trabalho.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1986.

FONTANA, Roseli A. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de A. **Interdisciplinaridade na pré-escola: anotações de um educador "on the road"**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 1994.

\_\_\_\_\_. **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MEIRIEU, Philippe. **Carta a um jovem professor**. tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NÓVOA, A. (org). **Profissão professor**. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1991.

SOARES, Magda. **Metamemórias-memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1991

SOUZA, Hugo Luiz de. **Vida de professor: experiências e reflexões**. Porto Alegre: AGE, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2005.

VILLELA PEREIRA, Marcos. **A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor**. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em educação: supervisão e currículo) – Faculdade de Educação, PUC – SP.

## ANEXOS

## Entrevista 1

Nome: J\*

Idade: 41

Tempo de profissão: 18 anos

Em que tipo de escola trabalhou? Escola pública, privada ou ambas? Por quanto tempo?  
Somente Privada.

Trabalho atual: Escola de Educação Infantil Descobrimdo o Mundo (particular).

Universidade em que formou, ano e habilitação: Ulbra, 2007 - Pedagogia - Ed. Infantil e Séries Iniciais.

### Entrevista

1. Porque escolheste ser professor ou o curso de Pedagogia? O que te motivou a ser professor? Porque acredito no ensino, nos alunos, ou seja, na educação. Sempre gostei da área.
2. O que significa ser professora para ti? No meu ponto de vista, ser professor é dedicar seu tempo a levar o aluno a pensar e desenvolver o raciocínio e a criatividade, pontos que o levarão a ser um profissional de qualidade e de formação (a mais completa possível).
3. Para ti, qual a função do professor nos dias de hoje? Hoje são várias as funções do professor. Além de tentar ensinar, pois parece que muitos não querem aprender. O papel do professor é: ser babá, pois cuidamos dos filhos para muitos pais trabalharem; somos juízes de luta livre; somos humoristas, pois às vezes falamos e representamos; somos psicólogos e só por último somos professores.
4. Descreva-te como professor. Sou uma profissional dedicada, responsável e competente. Acredito no aluno como um ser capaz de muitas realizações e conquistas.
5. O que tu consideras importante na formação dos profissionais de educação? O que tem de mais importante é a realização da formação continuada, não deve apenas ficar no papel, deve ser um compromisso com a qualidade do ensino, um comprometimento. Que os profissionais elaborem e busquem novas propostas e práticas de ensino.
6. Uma vez em sala de aula, trabalhando como professor, tu acreditas que produzimos a prática (que colocamos em prática) ou somos produzidos por ela? Acredito que produzimos a prática. O professor deve procurar encontrar um método de ensino e

as melhores formas de organizar o processo ensino-aprendizagem, produzindo assim a prática.

7. Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como tu conduzes o teu trabalho? Procuro diversificar minhas atividades em sala, afastando qualquer vício na maneira de executar as tarefas planejadas para cada semana.
8. Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como a instituição, em que tu atuas, organiza o trabalho pedagógico? Em caso afirmativo, tu consegues conviver com eles e/ou combatê-los? Sim. Combater acho difícil, então passo a conviver, tornando diferente o fazer da sala de aula que tem que ser trabalhado por nós professores e não pela direção da instituição.
9. Tu consegues articular tua prática com os ensinamentos teóricos da tua formação no curso de Pedagogia? É importante ressaltar! Sem dúvida realizei mudanças na prática docente. Através dos relatos de alguns professores no curso de Pedagogia, esses sim, lembro como meus Mestres. O grande desafio agora é dar continuidade ao que aprendemos. Pois o aprender é resultado de um confronto entre a prática e a teoria.
10. Quais instrumentos (teóricos e práticos) foram importantes na tua formação? (para alunos de 8º semestre e/ou formados) Entendo como instrumento teórico, a reflexão sobre a prática e não como a solução final para todos os problemas. A prática, ao meu ver, foi o momento mais significativo e gratificantes no trajetória acadêmica.
11. Como foi, para ti, participar desta entrevista? Foi tranquilo, pois tenho o maior prazer de colaborar com os meus futuros colegas.

## Entrevista 2

### Ficha:

Nome: M\*

Idade: 22 anos

Tempo de profissão: contando com a monitoria, quase 10 anos.

Em que tipo de escola trabalhou? Escola pública, privada ou ambas? Por quanto tempo?

Trabalhei em ambas e em várias..não ao certo quanto tempo em cada...

Trabalho atual: professora auxiliar em educação infantil

Universidade, ano e habilitação: Faculdade Ritter dos Reis, 8º semestre, e habilitação em Séries Iniciais e Gestão com Ênfase em Supervisão Escolar.

---

### Entrevista

- 1) Porque escolheste ser professor ou o curso de Pedagogia? O que te motivou ser professor? Na escola onde fiz o Ensino Médio, tinha um projeto de monitoria para alunos que tinham disponibilidade e paciência para atividades com o Ensino Fundamental. Eu era monitora de danças e cultura gaúcha para as turmas de 1ª a 4ª séries. Enquanto desenvolvia as atividades, contava com o apoio da direção e orientação escolar para planejar os encontros. Então, a cada dia que tinha contato com os professores, conhecia melhor a sua rotina e tudo aquilo me encantou. E os meus professores diziam que eu levava jeito para a supervisão, já que eu liderava a equipe de monitores. Então decidi estudar Pedagogia.
- 2) O que significa ser professora para ti? Significa ter um papel muito importante no cotidiano, pois me coloco na posição de alguém que forma opiniões, desde os pequenos até os adultos, passando pelos colegas de profissão. Significa saber lidar com seres humanos, entender como se processa o conhecimento e como oferecer qualidade de vida no momento em que possibilito aos meus alunos o acesso às informações. Acho que é isso, o professor lida apenas com a vida... com o "parto das idéias"...
- 3) Para ti, qual a função do professor nos dias de hoje? Ser pai, mãe, médico, enfermeiro, psicólogo, taxista, ator, amigo, treinador, descobridor de artigos perdidos, aquele que empresta dinheiro, vendedor, político, mantenedor da fé... Ser professor é ser um pouco de cada profissão.

- 4) **Descreva-te como professor.** Depende muito da área da Docência... Enquanto professora de educação infantil sou aquela que impõe a disciplina. Como professora de Séries Iniciais, sou aquela que brinca junto no recreio e tenta levar um pouquinho de ludicidade à uma escola tão grande com crianças às vezes tão pequeninas... Como professora de filosofia para o Ensino Médio, sou a professora que promove a churrascada, que briga e que abraça, que leva os alunos a entender que não existem verdades eternas. Mas uma coisa é certa: sou uma professora-pesquisadora, acredito que o conhecimento válido não é só aquele repassado na faculdade. O conhecimento que produzo em conjunto com meus alunos também é válido.
- 5) **O que tu consideras importante na formação dos profissionais de educação?** Os profissionais em educação deveriam ter uma formação holística, as habilitações não deveriam ser tão segmentadas como é atualmente. E também deveriam ter mais aulas de pesquisa.
- 6) **Uma vez em sala de aula, trabalhando como professor, tu acreditas que produzimos a prática (que colocamos em prática) ou somos produzidos por ela?** É uma via de mão dupla. Ocorre simultaneamente. Enquanto coloco em prática aquilo que planejei, modifico a minha maneira de pensar, reflito se esta atividade serviu para aquele momento ou não...
- 7) **Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como tu conduzes o teu trabalho?** Sim. Tenho que estar com tudo escrito - mania de supervisora.
- 8) **Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como a instituição, em que tu atuas, organiza o trabalho pedagógico?** Em caso afirmativo, tu consegues conviver com eles e/ou combatê-los? Não. Acredito que meu único estereótipo provém da minha formação. Tenho um perfil de trabalhar que foi inculcado pela minha universidade.
- 9) **Tu consegues articular tua prática com os ensinamentos teóricos da tua formação no curso de Pedagogia?** Mais ou menos. Minha habilitação é Séries Iniciais e Gestão com Ênfase em Supervisão Escolar. Mas por gostar muito de pesquisa, acabo sempre indo

em busca daquilo que falta, então é difícil eu me sentir despreparada para determinada função.

- 10) Quais instrumentos (teóricos e práticos) foram importantes na tua formação? (para alunos de 8º semestre e/ou formados) Rede Temática serve? É excelente para organizar os pensamentos...
- 11) Como foi, para ti, participar desta entrevista? Bem legal. Escrever sobre a formação é sempre revelador.



## Entrevista 3

Ficha:

Nome: K\*

Idade: 21 anos

Tempo de profissão: 1 ano

Em que tipo de escola trabalhou? Escola pública, privada ou ambas? Por quanto tempo? Pública e privada. Pública no 1º semestre e privada desde março deste ano até a presente data.

Trabalho atual: Escola de educ. infantil de 1 a 6 anos, privada.

Universidade em que formou, ano e habilitação: formanda em Pedagogia UFRGS 2007

### Entrevista

1)Porque escolheste ser professor ou o curso de Pedagogia? O que te motivou ser professor? O gosto por crianças e a causa da educação brasileira, que é muito deficiente.

2)O que significa ser professora para ti? Significa construir o conhecimento junto das crianças, desde os primeiros passos até a alfabetização.

3)Para ti, qual a função do professor nos dias de hoje? Tornar seus alunos cidadãos conscientes do mundo em que vivem, ajudá-los a interagir com o meio, com os colegas.

4)Descreva-te como professor. Acredito que eu seja uma professora que respeita seus alunos, dedicada e sempre disposta a fazer o melhor.

5)O que tu consideras importante na formação dos profissionais de educação? É necessário juntar a prática com a teoria.

6)Uma vez em sala de aula, trabalhando como professor, tu acreditas que produzimos a prática (que colocamos em prática) ou somos produzidos por ela? Os dois. Acredito que o meio também nos modifica, assim como tentamos introduzir nossos conhecimentos nele.

7)Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como tu conduzes o teu trabalho? Não, ainda não tenho isto e nem pretendo ter, cada aluno é diferente e devemos agir de diferentes formas também.

8)Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como a instituição, em que tu atuas, organiza o trabalho pedagógico? Em caso afirmativo, tu consegues

conviver com eles e/ou combater-los? Existem formas que a escola sugere de como fazer o planejamento e a coordenação pedagógica nos sugere também o que devemos "dar" como conteúdo. Muitas vezes não sou a favor das sugestões, mas tenho que seguir as normas da escola. Ou me torno parte do modelo que eles querem, ou eles procurarão um profissional com o padrão da escola.

9) Tu consegues articular tua prática com os ensinamentos teóricos da tua formação no curso de Pedagogia? Sim, mesmo com alguns conflitos com a escola, sempre conseguimos colocar em prática os conhecimentos da faculdade, porém isto não é nada fácil, visto que cada instituição limita o professor a prática estabelecida na escola.

10) Quais instrumentos (teóricos e práticos) foram importantes na tua formação? (para alunos de 8º semestre e/ou formados). Referências bibliográficas, aulas e estágios durante a faculdade.

11) Como foi, para ti, participar desta entrevista? Foi bastante relevante, me fez refletir também sobre o quanto nós professores temos nossos conhecimentos teóricos muitas vezes ignorados pela escola em que trabalhamos.

## Entrevista 4

Nome: F\*

Idade: 22 anos

Tempo de profissão: 04 anos

Em que tipo de escola trabalhou? Escola pública, privada ou ambas? Por quanto tempo?  
Somente Privada.

Trabalho atual: ---

Universidade em que formou, ano e habilitação: 8º semestre - Pedagogia - UFRGS.

---

### Entrevista

1)Porque escolheste ser professor ou o curso de Pedagogia? O que te motivou a ser professor? Sempre gostei de criança. Quando era pequena, brincava de professora. Depois, quando minha irmã freqüentava a pré-escola, passava algumas tardes brincando com as crianças da escola, ajudando as professoras. Desde essa época, dizia que queria ser professora. No ensino médio, fiz trabalhos voluntários em escolas, creches municipais e comunitárias e gostei muito. Ficava impressionada com o jeito das professoras com os alunos e entendia o deslumbramento das crianças com nossas atividades. Acho que daí veio o impulso para a escolha do vestibular e conseqüentemente, da profissão.

2)O que significa ser professora para ti? Ser professor é ensinar algo, mostrar algo, ter algo a dizer, a acrescentar para as pessoas.

3)Para ti, qual a função do professor nos dias de hoje? Orientar, indicar, mostrar caminhos para uma vida digna. Formar pessoas melhores, chamar a atenção para as coisas boas, mostrar que a vida vale a pena, já que essa função as famílias não conseguem mais exercer.

4)Descreva-te como professor. Essa é a tarefa mais difícil pra mim agora, diante de todos os conflitos!! Hehehehe Mas me considero responsável e consciente do papel e da função do professor na vida dessas crianças e, por este motivo, não sei se estou realmente preparada. Na educação infantil, acumulamos muitas funções: cuidamos e educamos, e nesta interação constante e intensa, somos importantes na formação das crianças.

5)O que tu consideras importante na formação dos profissionais de educação? A teoria ajuda muito no planejamento das atividades e do dia-a-dia em uma sala de aula e com a prática conseguimos visualizar e trocar experiências com os alunos para executarmos as atividades. Outro ponto importante é a constante atualização, formação continuada, cursos, para melhorar a qualidade do ensino, do nosso trabalho.

6)Uma vez em sala de aula, trabalhando como professor, tu acreditas que produzimos a prática (que colocamos em prática) ou somos produzidos por ela? Acho que é uma via de mão dupla. Com a nossa prática, participamos de práticas de outras pessoas, outras instituições e, com isso, vamos influenciando e sendo influenciados por elas.

7)Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como tu conduzes o teu trabalho? Apesar de ser contra com muito o que presenciei e ser consciente disso, me considero uma "cria" da escola em que trabalhei.

8)Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como a instituição, em que tu atuas, organiza o trabalho pedagógico? Em caso afirmativo, tu consegues conviver com eles e/ou combater-los? -----

9)Tu consegues articular tua prática com os ensinamentos teóricos da tua formação no curso de Pedagogia? Na época que trabalhava em escola, sempre procurava articular o que via na Universidade com o que ocorria em minhas turmas, apesar de sempre ter que trabalhar de acordo com o planejamento feito pela coordenação.

10)Quais instrumentos (teóricos e práticos) foram importantes na tua formação? (para alunos de 8º semestre e/ou formados) A Universidade foi importante para apresentar as teorias, os aportes e os porquês de tudo que via em sala de aula, mas o que contou principalmente foi a troca de experiências entre os professores e colegas de turma (e de trabalho). O trabalho em sala de aula junto às crianças foi de fundamental importância e aprendizado maior.

11)Como foi, para ti, participar desta entrevista? Falar sobre nós mesmos é sempre profundo e revelador. Conseguimos enxergar coisas, que vivenciando não vemos.

## Entrevista 5

Ficha:

Nome: V\*

Idade: 27 anos

Tempo de profissão: 8 anos

Em que tipo de instituição trabalhou? Escola pública, privada ou ambas? Por quanto tempo? Trabalhei em ambas instituições. Fiz meus estágios curriculares em escola pública e trabalho há 2 anos em uma escola de educação infantil privada.

Trabalho atual: professora titular de uma turma de Maternal II em escola infantil privada.

Formação: Licenciatura em Pedagogia, habilitação em Séries Iniciais - UFRGS (2006)

---

- 1) Porque escolheste ser professor ou o curso de Pedagogia? O que te motivou a ser professor? Sempre gostei deste universo escolar. Minha mãe era secretária na escola que eu e minha irmã estudava. E com o tempo acabei indo para o Magistério e, foi aí que decidi fazer vestibular para Pedagogia, com o intuito de me aperfeiçoar e ter um curso superior.
- 2) O que significa ser professor para ti? Ser professor é ter algo a dizer, a passar algo para outras pessoas (no caso, seus alunos) e ajudá-los a refletir, a pensar sobre o mundo, sobre o meio em que vivem.
- 3) Para ti, qual a função do professor nos dias de hoje? Hoje, o mundo está mais complexo, cheio de informações, cheio de coisas ruins.. o professor tem que está a par de tudo e ajudar seus alunos a filtrar, mostrar tudo que está disponível e auxiliá-los a escolher caminhos certos, que sigam caminhos dignos e felizes.
- 4) Descreva-te como professor. Sou bastante responsável e ciente da minha responsabilidade diante da formação das crianças. Estou sempre lendo, pesquisando, procurando coisas novas para aprimorar meu trabalho. Tenho muito orgulho da minha profissão, apesar do pouco reconhecimento.
- 5) O que tu consideras importante na formação dos profissionais de educação? O comprometimento com o que faz, o prazer de estar em sua escola acreditando que tudo vai ficar bem e principalmente, a constante (e eterna!) atualização por meio de cursos, formação continuada, seminários etc. Com estes instrumentos, o professor se torna interessante para seus alunos e demonstra que está interessado em seus alunos.
- 6) Uma vez em sala de aula, trabalhando como professor, tu acreditas que produzimos a prática (que colocamos em prática) ou somos produzidos por ela? É uma troca.. durante nossa formação acadêmica, aprendemos muito e adotamos métodos, teorias como caminhos para nossa prática. Porém, quando chegamos em determinadas instituições, temos que nos adequar às práticas vigentes naquela instituição, que não deixa de ser um aprendizado também. Então, devemos conciliar a prática daquela escola com a gente acredita ser importante e interessante para nossos alunos.
- 7) Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como tu conduzes o teu trabalho? Fiquei a mania de registrar tudo.. acredito que foi por causa dos

estágios que tínhamos que anotar tudo o que acontecia para colocar nos relatórios e diários de classe. Sempre anoto tudo que aconteceu no dia: a roda e o que cada um falou, as brincadeiras, brigas e afins, as atividades que fazemos...

- 8) Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como a instituição, em que atuas, organiza o trabalho pedagógico? Em caso afirmativo, tu consegues conviver com eles e/ou combatê-los? Toda instituição segue uma linha de trabalho. Não sei se isso pode ser um vício.. mas a escola tem algumas condutas em relação ao planejamento, como por exemplo: quem elabora os projetos de trabalho são as pedagogas, que repassam para professoras, e, assim elas repassam aos alunos. Acredito que este processo de elaboração dos projetos deve ser em conjunto: nós, professoras, percebemos, analisamos e identificamos os assuntos de interesse dos alunos, o que eles nos trazem de questionamentos, para repassarmos a coordenação e juntos, elaborarmos o projeto a ser trabalhado com as crianças. No caso da minha escola, isso não é feito e, apesar de sempre tentarmos junto às crianças saber o que nos interessa, temos que nos adequar com o projeto que está em andamento. É o mal das escolas particulares, infelizmente.
- 9) Tu consegues articular tua prática com os ensinamentos teóricos da tua formação acadêmica no curso de Pedagogia? Apesar de seguirmos os projetos da escola, sempre consigo incrementar, acrescentar algo diferente e que considero legal e importante para nosso trabalho. Acho que esse é um mérito de um bom professor.
- 10) Quais instrumentos (teóricos e práticos) foram importantes na tua formação? A convivência com os professores, com os colegas da Universidade (que são de trabalho também) trouxe uma carga bem importante na minha permanência na Universidade, mas, com certeza, a vivência em sala de aula, com meus alunos foi bastante enriquecedora e importante para minha formação como professora.
- 11) Como foi, para ti, participar desta entrevista? Nunca tinha parado e refletido sobre minha trajetória de professora. Foi muito bom...consegui enxergar e entender muitas coisas e, perceber, que esse é um exercício bastante válido para nossa formação (não só professores mas em qualquer profissão).. refletir, analisar os caminhos percorridos para chegarmos aonde estamos e entendermos alguns porquês do nosso trabalho com as crianças.

## Entrevista 6

Ficha:

Nome: L\*

Idade: 29 anos

Tempo de profissão: 15 anos

Em que tipo de instituição trabalhou? Escola pública, privada ou ambas? Por quanto tempo? Sempre trabalhei em escolas particulares de Educação Infantil, apenas nos estágios curriculares (da Faculdade e do Magistério) que trabalhei em escola pública.

Trabalho atual: professora titular de uma turma de Pré-Maternal (2 anos) pela manhã e Maternal I (3 anos) à tarde, ambas escolas particulares.

Formação: Licenciatura em Pedagogia - ULBRA - 2003

---

- 1) Porque escolheste ser professor ou o curso de Pedagogia? O que te motivou a ser professor? Minha mãe é professora. Hoje ela dá aula de Metodologia na ULBRA.. e ao conviver com os trabalhos, e também por ajudá-la a cuidar de meus irmãos, pois sou a irmã mais velha, acabei escolhendo o magistério e gostei. Com a minha mãe dando aula na Universidade, foi um pulo para entrar na Pedagogia.
- 2) O que significa ser professor para ti? Ser professor é ensinar algumas coisas as pessoas. É ajudar a perceber o mundo que os rodeia. Em educação infantil, o professor é fundamental como referência para as crianças, porque nesta faixa etária, elas estão se formando como pessoas, como seres humanos.
- 3) Para ti, qual a função do professor nos dias de hoje? Hoje, o professor deve ser a referência para seu aluno, o exemplo a ser seguido. Com a falta de referência que as famílias estão hoje, a escola e o professor deve garantir essa função para a formação de seus alunos.
- 4) Descreva-te como professor. Sempre fui muito organizada, responsável com meu trabalho. Adoro Educação Infantil e não pretendo sair dela tão cedo! Sou bastante carinhosa com os pequenos, mas também quando devo dar os limites sou bastante firme. Me considero uma boa professora.
- 5) O que tu consideras importante na formação dos profissionais de educação? Responsabilidade e consciência do seu papel na vida de seus alunos. O trabalho de professor é importantíssimo! Interfere muito na vida dos alunos, de suas famílias etc. Outro aspecto importante é a renovação, a reciclagem, a atualização dos professores em relação à teorias, técnicas, métodos de ensino para dar um "plus" no seu trabalho.
- 6) Uma vez em sala de aula, trabalhando como professor, tu acreditas que produzimos a prática (que colocamos em prática) ou somos produzidos por ela? Todos nós temos uma teoria, um conceito, um método que consideramos importante, legal e verdadeiro para se trabalhar e adotamos. Mas, quando chegamos em algumas instituições, temos que trabalhar de acordo com o que a coordenação nos orienta e, que muitas vezes, não é a maneira mais legal. Nessas instituições, ou tu te adequa ao modo de trabalhar ou eles acham outro profissional com o perfil adequado, que

se encaixe nas normas de funcionamento daquela escola. Então, eu acho que somos produzidos pela prática das escolas, apesar de achar isso uma pena.

- 7) Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como tu conduzes o teu trabalho? Não.. tenho o me jeito de encaminhar a rotina, as atividades, mas nada que considere um vício.
- 8) Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como a instituição, em que atuas, organiza o trabalho pedagógico? Em caso afirmativo, tu consegues conviver com eles e/ou combatê-los? Toda escola tem seu jeito de trabalhar. Foi como eu disse antes.. e temos que nos adequar a esse jeito. Nas duas escolas que trabalho o planejamento é feito pela coordenação e depois repassado às educadoras. Acho que isso poderia ser diferente, no sentido de começarmos com o que as crianças querem saber e depois elaborar um projeto, uma atividade etc.
- 9) Tu consegues articular tua prática com os ensinamentos teóricos da tua formação acadêmica no curso de Pedagogia? É bastante difícil, mas sempre tento sugerir, opinar e acrescentar alguma coisa. Quando a escola não dá esta autonomia aos professores fica bem complicado, mas o trabalho sempre sai bonito.
- 10) Quais instrumentos (teóricos e práticos) foram importantes na tua formação? Tem vários professores e disciplinas da Universidade que não esqueci até hoje, que me trouxeram muitas coisas interessantes para o meu trabalho. E, na minha prática, junto com as crianças, eu aprendo todos os dias.
- 11) Como foi, para ti, participar desta entrevista? Achei legal. Em algumas questões fiquei bastante apreensiva..quando falamos de nós mesmas sempre fica complicado, mas achei bem legal e válido para pensar sobre nossa profissão.



## Entrevista 7

### Ficha:

Nome: I\*

Idade: 40 anos

Tempo de profissão: 25 anos

Em que tipo de instituição trabalhou? Escola pública, privada ou ambas? Por quanto tempo? Já trabalhei em escolas públicas e particulares. Trabalhei 10 anos na Creche da Febem, fiz meus estágios da Universidade em uma escola estadual e trabalhei em diversas escolinhas de educação infantil.

Trabalho atual: professora titular de uma turma de Berçário em uma escola de educação infantil privada no turno da tarde.

Formação: Licenciatura em Pedagogia - ULBRA - 2006

---

1)Porque escolheste ser professor ou o curso de Pedagogia? O que te motivou a ser professor? Sempre disse que queria ser professora, mas não lembro o que me motivou exatamente. O curso de Pedagogia foi uma conquista, um ato de liberdade na minha vida. Com o magistério, trabalho desde os 15 anos como professora, recreacionista, atendente etc etc. Depois fiquei 10 anos parada. Casei, tive meus filhos e virei dona-de-casa. Minha vida chegou num ponto enlouquecedor! Então, depois de 10 anos resolvi voltar a estudar, fiz o vestibular, passei e entrei no curso de Pedagogia. comecei a trabalhar em creches como auxiliar e, em seguida, me contrataram nesta escola que trabalho há 8 anos, sempre com o Berçário.

2)O que significa ser professor para ti? Pra mim, ser professor é ser responsável pela formação de pessoas como pessoas, como seres humanos, como cidadãos, como filhos, como futuros trabalhadores. E, no meu caso, no Berçário, é ajudar esses bebês a crescerem e se desenvolverem de uma forma saudável, alegre, divertida e prazerosa.

3)Para ti, qual a função do professor nos dias de hoje? O professor tem que saber respeitar seu aluno como ele é, ajudando a enfrentar o mundo que está cada vez mais difícil e desafiador, dando instrumentos para os conflitos e ensinar sempre com muito amor e alegria.

4)Descreva-te como professor. Sou muito perfeccionista. Gosto de tudo muito bem feito. E muitas vezes, cobro essa perfeição de meus alunos ou de minhas colegas. Adoro trabalhar com os bebês, pois é tudo muito simples, claro, mágico e ao mesmo tempo complexo, pois se desenvolvem muito rápido e quando vemos já estão caminhando, falando.. por isso gosto de explorar muito tudo que temos disponível para ajudar meus bebês a crescerem bem. Sou muito responsável também.

5)O que tu consideras importante na formação dos profissionais de educação? Organização, responsabilidade e seriedade. Organização com seu material, com suas idéias, com sua forma de trabalhar. Responsabilidade com a sua função de formador de pessoas. E seriedade com a sua postura em relação ao seu trabalho, aos seus alunos e familiares e seus superiores.

6) Uma vez em sala de aula, trabalhando como professor, tu acreditas que produzimos a prática (que colocamos em prática) ou somos produzidos por ela? As duas coisas. Trabalhamos de acordo com o regimento da escola, mas sempre implementando coisas do nosso jeito de trabalhar, que achamos importantes para aquele grupo de alunos. Eu acho que a nossa prática é o modo como vemos o nosso trabalho. Se somos organizados e empenhados, por exemplo, é sinal de que levamos a sério o nosso trabalho.

7) Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como tu conduzes o teu trabalho? Não sei se isso é um vício.. mas estou sempre cantando. A tarde toda! Faço dormir cantando, dou as refeições cantando, faço as trocas de fralda cantando. Minhas colegas ficam loucas comigo.

8) Tu reconheces/identificas algum tipo de estereótipo/vício no jeito como a instituição, em que atuas, organiza o trabalho pedagógico? Em caso afirmativo, tu consegues conviver com eles e/ou combatê-los? Acho que a escola segue a linha que acha importante e legal para seus alunos. Não vejo nenhum tipo de comportamento ou atitude que seja um vício.

9) Tu consegues articular tua prática com os ensinamentos teóricos da tua formação acadêmica no curso de Pedagogia? Sim. Sempre trago materiais, novidades que são aceitas pela coordenação. Consigo elaborar bem meus projetos e adaptá-los à minha turma, que é ímpar na escola.

10) Quais instrumentos (teóricos e práticos) foram importantes na tua formação? Considero o meu período na Universidade muito proveitoso. Me transformei em professora lá. Lá pude ver e refletir sobre o mundo da educação que no Magistério não via. E as minhas experiências em sala de aula foram fundamentais para minha articulação com o que eu via na faculdade e com o que acontecia de verdade com os alunos.

11) Como foi, para ti, participar desta entrevista? Pude desabafar. Pude dizer um pouco de mim. Achei muito legal, refletir sobre a minha caminhada e, ao mesmo tempo, ajudar na caminhada de uma colega querida.

\* as entrevistas foram realizadas no período de 05 de maio a 05 de junho de 2007.